

A RELAÇÃO ESTÉTICA ENTRE O CINEMA E A EDUCAÇÃO: UMA POSSIBILIDADE DE TRABALHO NO PROEJA-FIC

¹**Maribel Schveidt** - belzinhas.2010@gmail.com

Faculdade de Educação/UFG
Rua 235, Setor Universitário.
74.605-050 – Goiânia/Goiás

²**Maria do Rosário Teles de Farias** – zurizadaisam@bol.com.br

Faculdade de Educação/UFG
Rua 235, Setor Universitário.
74.605-050 – Goiânia/Goiás

³**Dr^a Maria Emilia de Castro Rodrigues** - me.castrorodrigues@gmail.com

Faculdade de Educação/UFG
Rua 235, Setor Universitário.
74.605-050 – Goiânia/Goiás

Resumo: *Este trabalho pretende discutir a relação estética entre cinema e educação para se compreender que, por meio de seletas obras cinematográficas, é possível despertar o olhar dos educandos para aquilo que eles têm de belo em contraposição ao que é considerado feio, para que a cada dia tenham maior interesse pelos estudos e trabalhos desenvolvidos na/pela escola. Ensinar os educandos a desenvolver um olhar crítico sobre si mesmos e sobre as coisas que lhes cercam não é uma tarefa fácil, visto que se posicionar desta maneira exige do educador um comprometimento com a melhoria da qualidade de vida de seus educandos e com a melhoria da própria educação. Nessa perspectiva, será analisado o Filme Somos Todos Diferentes / Como estrelas na terra (tradução em português), lançado em 2008, que apresenta no roteiro as dificuldades de aprendizagem de um menino de nove anos. É um filme comovente que estimula o espectador a refletir sobre alguns aspectos que envolvem o olhar para o outro, a tolerância e a discriminação. O presente artigo trata-se de um trabalho de cunho bibliográfico, estabelecendo um diálogo com os seguintes autores: Ramos, (2011), Barbosa (2007), Martins (2005), Souza (2005), Bergala (2002), entre outros. Por meio deste trabalho pode-se elaborar um projeto a ser desenvolvido conforme a perspectiva do currículo integrado do Proeja-FIC.*

Palavras-chave: *Cinema, Educação, Possibilidades de trabalho, Proeja-fic.*

1- Introdução

¹ Mestranda em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (FE/UFG). Bolsista CAPES/OBEDUC.

² Mestranda em Educação pela FE/UFG.

³ Doutora e mestre em educação pela FE/UFG e professora adjunta desta mesma faculdade.

Este artigo pretende tratar da relação estética entre cinema e educação, retomando os conceitos de belo e feio, tal como tratado por Platão. Realizamos uma retomada ao conceito de estética porque a estética nos ajuda a compreender a valoração que se atribui às coisas quando se diz que elas são bonitas ou feias, por exemplo. Nele, abordaremos a questão de que, por meio das obras cinematográficas, como é o caso do filme *Como estrelas na terra*, é possível despertar nos educandos o olhar crítico para questões de cunho estético, como: belo/feio, bem/mal, certo/errado, verdadeiro/falso, por se considerar que a educação, assim como o cinema, pode ajudar a valorar de forma positiva a nós mesmos e as coisas que estão a nossa volta.

Ante a este entendimento, o presente trabalho também apresenta a possibilidade de implantar na escola o diálogo com a sétima arte - o cinema, concomitante com as disciplinas ofertadas nas turmas do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, na Formação Inicial e Continuada com Ensino Fundamental (Proeja-FIC) o que possibilitaria trabalhar a estética do olhar, por exemplo, na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), inserindo esta proposta no Programa Proeja-FIC.

O presente artigo é parte dos estudos de Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da UFG, em cuja pesquisa temos acompanhado o trabalho de uma escola da Rede Municipal de Educação de Goiânia (RME), que vem desenvolvendo desde 2010, uma experiência educacional com Proeja-FIC, na parceria⁴ entre a Secretaria Municipal de Educação de Goiânia (SME), o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG) e a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (FE/UFG), com vistas a desenvolver a integração da Educação de Jovens e Adultos (EJA) à Educação Profissional (EP).

A partir de 2013 o Programa atingiu a adesão de mais nove escolas, distribuídas nos bairros da periferia da cidade de Goiânia-GO. Elencamos este dado porque nas unidades escolares

[...] os estudantes optaram pelos eixos/cursos que compreendiam a Produção Cultural e Design (Modelista), Controle e Processos Industriais (Eletricista industrial), Hospitalidade e Lazer (Auxiliar e

⁴Nesta parceria a SME entra com as turmas de EJA do segundo segmento do ensino fundamental, a escola e o quadro de profissionais que atuam na educação básica; o IFG participa com a contratação dos profissionais da educação profissional e participa juntamente com a FE/UFG da formação continuada dos professores e gestores que atuam na experiência.

cozinha), Informação e Comunicação (Operador de computador), e Infraestrutura (Mestre de obras) (BRASIL, 2013, p.3).

Esses cursos foram escolhidos pelos alunos (moradores dos bairros) que optaram por determinadas categorias profissionais que atendessem às suas necessidades. Entendemos ser de suma importância salientarmos sobre isto, devido ao contexto sociocultural em que estes estudantes vivem, ou seja, por serem educandos de uma escola da periferia, da classe trabalhadora, com limitadas condições financeiras. Desta maneira, consideramos que propiciar aulas para este público por meio de um enredo cinematográfico possibilita a eles conhecerem outros espaços culturais, ampliando seu horizonte cultural, além de contribuir para a reflexão.

2- Origem do termo estética

A palavra estética tem a sua origem no latim científico *aesthetica*, bem como no grego *aisthesis*, procedendo, de acordo com Ramos (2011, p. 01), na “compreensão pelos sentidos, ou ainda percepção totalizante”. Esta palavra faz parte da Filosofia, que é uma ciência pela busca do julgamento, que aprecia e difere o belo do feio.

Segundo o dicionário de Filosofia (2007), o termo estética designa a ciência (filosófica) da arte e do belo. Este substantivo foi introduzido por *Baumgarten*, por volta de 1750, em um livro cujo nome era *Aesthetica* em que defendia a tese de que as representações confusas são objeto da arte, isto é, são sensíveis, mas "perfeitas", enquanto objeto do conhecimento racional das representações distintas (os conceitos). Esse substantivo significa propriamente "doutrina do conhecimento sensível".

Assim, a noção de Belo coincide com a noção de objeto estético somente a partir do séc. XVIII. Antes da descoberta da noção de gosto, o Belo não era mencionado entre os objetos produzidos e, por isso, não havia essa noção naquilo que os antigos chamavam de poética, isto é, a ciência ou a arte da produção. Há cinco conceitos fundamentais de Belo tanto dentro quanto fora da estética: 1º - O Belo como manifestação do bem; 2º - O Belo como manifestação do verdadeiro; 3º - O Belo como simetria; 4º - O Belo como perfeição sensível e 5º - O Belo como perfeição expressiva.

Deste modo,

É com a doutrina do Belo como perfeição sensível que nasce a Estética. "Perfeição sensível" significa, por um lado, "representação

sensível perfeita" e, por outro, "prazer que acompanha a atividade sensível". No primeiro sentido, é concebida principalmente pelos analistas alemães e, em particular, por *Baumgarten (Aesthetica, 1750, §§ 14-18)*. No segundo sentido, foi utilizada sobretudo pelos analistas ingleses, em primeiro lugar por *Hume (Essay Moral and Political, 1741)* e por *Burke (A Philosophical Inquiry into the Origin of Our Ideas of the Sublime and Beautiful, 1756)*, preocupados ambos em determinar os caracteres que fazem do prazer sensível aquilo que se costuma chamar de "beleza" (ABAGNANO, 2007, p. 106).

A estética moderna estaria relacionada ao estudo racional do belo, que seria a beleza tanto artística quanto a plástica, focando na diversidade de sentimentos e emoções que podem ser provocados por meio de uma obra de arte. Na ciência filosófica, existem, dentro da estética, subdivisões, como é o caso da estética teórica e da estética da arte.

A estética

[...] discute o gosto, um conceito ligado ao julgamento dos objetos pela sensibilidade, conhecimento e reconhecimento. Concepções categorizadas pelo senso comum como preferência, mas que depende de valores, contextos, momentos históricos; estando subordinada igualmente à política e ideologia. O gosto, por sua vez, remete a questão da definição de belo, uma discussão filosófica que se arrasta desde a antiguidade (*Idem, 2011, p.01*).

Para apresentar a definição do gosto, recorreu-se a Platão que, na antiguidade, apoiava a existência do "belo em si", ou seja, havia um ideal de beleza, independente do olhar ou de quem a visse, pois para Platão o belo não fazia parte do mundo sensível, e sim do mundo inteligível, das essências. O belo tal como era concebido seria apenas uma cópia do perfeito modelo de beleza existente no mundo das ideias. Para Platão, o verdadeiro conhecimento do homem era resultado de uma vivência no mundo imaterial, por meio da razão.

De acordo com Suassuna (2007) os diálogos platônicos que mais se referem à Beleza são "O Banquete" e O "Fedro". Deste modo, traremos uma citação do *Fedro* para melhor compreensão do que Platão considerava ser a beleza.

Quanto à beleza - como te disse -, ela brilhava entre todas aquelas Ideias Puras, apesar de nossa prisão terrena, seu brilho ainda ofusca todas as outras coisas. A visão é ainda a mais sutil de todos os nossos sentidos. Não pode, contudo, perceber a sabedoria. Despertaria amores veementes se oferecesse uma imagem tão clara e nítida quanto as que podíamos contemplar para além do céu. Somente a beleza tem esta

ventura de ser a coisa mais perceptível e arrebatadora. Aquele que não foi iniciado ou que se corrompeu, não se eleva com ardor para o além, para a beleza em si mesma (Fedro, 250e, p. 223).

Assim, Platão considerava a beleza como algo que causava enlevo, prazer e deleitação. A beleza de um ser material qualquer dependia da comunicação com a **b**eleza absoluta, que subsiste pura, imutável e eterna no mundo supra-sensível das ideias. Esta beleza seria apreendida pela alma do homem ao se recordar de tudo que existe no mundo das essências de onde ela foi exilada.

Posterior a Platão, Aristóteles considerava a Beleza como algo que faz parte dos sentidos humanos. Ele defendia a existência de um único mundo, o mundo sensível no qual vivemos. Para ele, aquilo que está além da experiência humana não pode ser considerado como algo verdadeiro. Segundo Fontes (s/d, p. 2), o belo, na visão de Aristóteles, faz parte da “criação humana e resulta de um perfeito equilíbrio de uma série de elementos variados e discordantes”.

Buscando fazer o contraponto, os filósofos empiristas, como David Hume (séc. XVIII), apresentavam a sua relatividade, referente à beleza e diziam que o gosto não poderia ser discutido. Sendo assim, o belo não estaria no objeto, mas nas possibilidades do sujeito em julgar de acordo com as suas percepções (FONTES, s/d).

No entanto, Kant (1995) atribui diferenças significativas sobre o belo e o sublime. De acordo com o autor, o sublime possui outra característica completamente diferente da compreensão de alguns autores, como por exemplo, para Dias (2011, p. 1), o belo possui forma, “vem da natureza, tem forma de objeto, e este consiste na limitação”. Entretanto, Kant considera que

[...] o verdadeiro sublime não pode estar contido em nenhuma forma sensível, mas concerne somente às ideias da razão, que, embora não possibilitem nenhuma representação adequada a elas, são avivadas e evocadas ao ânimo precisamente por essa inadequação, que se deixa apresentar sensivelmente (KANT, 1995, p. 91).

No século posterior, Hegel (1996) entendia que a beleza estava inserida em um contexto histórico e defendeu que o conceito mudaria seus “aspectos através dos tempos. E essa mudança (chamada devir), que se reflete na arte, depende mais da cultura e da visão de mundo presentes em determinada época do que de uma exigência interna do belo” (COSTA, 2006, p. 3).

Na contemporaneidade, numa visão fenomenológica, o belo

[...] é uma qualidade de certos objetos singulares que nos são dados à percepção. “Beleza é, também, a imanência total de um sentido ao sensível, ou seja, a existência de um sentido absolutamente inseparável do sensível.” O objeto é belo porque realiza o seu destino, é autêntico, é verdadeiramente segundo o seu modo de ser, isto é, é um objeto singular, sensível, que carrega um significado que só pode ser percebido na experiência estética. Não existe mais a idéia [sic] de um único valor estético a partir do qual julgamos todas as obras. Cada objeto singular estabelece seu próprio tipo de beleza (COSTA, 2006, p.3).

Desta maneira, para falar sobre estética no cinema ou na educação teríamos que considerar não somente o sentido/significado que eles infundem na vida daqueles que estão em direto contato com ambos, mas sobre o modo como cada um (o cinema e a educação) se apresentam para cada sujeito.

3- O cinema como obra de arte

A sétima arte, como se tornou conhecido o cinema, surgiu no século XX, em Paris, de forma tímida, como entretenimento. Segundo Barbosa (2007), por três décadas se manteria mudo, contando com a ajuda dos acompanhamentos de música ao vivo e/ou com tímidos efeitos especiais. Com o avanço das tecnologias, essa arte passou a fazer parte da indústria do entretenimento, na qual são investidos e faturados anualmente milhões de dólares.

Por fazer parte da indústria do entretenimento, as produções fílmicas injetam uma quantidade significativa de filmes comerciais que atraem um público-alvo “de jovens pouco exigentes [...] descomprometidos com a cultura [...] na análise de um bom filme recaem os aspectos fundamentais que são: roteiro, argumento, produção, elenco e direção” (BARBOSA, 2007, p. 148).

Com essa realidade em mente, torna-se um desafio apresentar um bom filme no ambiente escolar, haja vista que a escolha do professor quanto à metodologia a ser explorada em sala supõe conhecer as possibilidades de inserção do educando na cultura, nos costumes, valores, na política e filosofia. Ou seja, uma gama de possibilidades do conhecimento que contribuirão para a percepção de mundo que o sujeito carrega.

Ao se observar o cinema como uma obra de arte que ultrapassa o entretenimento, essas percepções podem ser desenvolvidas no contato com a estética

fílmica, por meio das possibilidades cognoscíveis, e nos parâmetros de análise que permeiam a produção cinematográfica quanto a

[...] originalidade, conteúdo, estrutura, ritmo, criatividade, interpretação, iluminação, fotografia, trilha sonora, figurinos, cenários, montagem, efeitos especiais, fluência da narrativa, diálogos, maquiagem, tudo está contido nos cinco itens mencionados que pode ser analisada, pensada, discutida (*Idem*, 2007, p. 148).

Esses parâmetros contribuem para a análise estética do filme e auxiliam na escolha do material por estar inserido nos itens supracitados, que compõem o roteiro, o argumento, a produção, o elenco e a direção.

4- Conhecendo a linguagem cinematográfica

O cinema possui, dentro das suas especificidades, uma linguagem própria, capaz de promover diversas reações emocionais e antagônicas como alegrar-se ou entristecer-se, indignar-se ou condescender-se. De acordo com Martin (2005), ao se optar por inserir o cinema na escola, requer-se o conhecimento da linguagem utilizada, que

[...] combina cinco objetos diferentes: a banda de imagem, que inclui as imagens em movimento e, secundariamente anotações gráficas (legendas, subtítulos várias inscrições) e banda sonora que inclui som fônico (diálogo), o som musical e o analógico (ruído) (MARTIN, 2005, p. 306).

Uma direção que trabalhe de forma harmoniosa com esses objetos fílmicos produz no seu conjunto a arte cinematográfica, colaborando com a divulgação de culturas e o cognoscível do expectador quanto à catarse⁵

Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores

⁵Catarse- é um termo de origem filosófica com o significado de limpeza ou purificação pessoal. O termo provém do grego *kátharsis* e era utilizado por Aristóteles para designar o efeito causado no público durante e após a representação de uma tragédia grega. A catarse era o estado de purificação da alma experimentada pela plateia através das diversas emoções transmitidas no drama. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/catarse/>>.

sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte (BARBOSA, 2007, p.11).

Tratando-se de valores sociais, o cinema contribui para a formação do indivíduo ao apresentar assuntos que são pertinentes à sociedade. Aliados à educação, os temas escolhidos permitem ao educador instigar o aluno a refletir, analisar e entender o tema principal que norteia a história, o que o que possibilitaria contribuir para trabalhar a estética do olhar, por exemplo, na experiência do Programa Proeja-FIC.

Ao escolher determinado filme, o educador deve orientar quais elementos serão eleitos e necessitam de maior atenção, podendo desenvolver uma oficina, a fim de ampliar determinado conhecimento nas disciplinas escolares, como: um momento de entretenimento de descobertas; um canal para estabelecer diálogos sobre assuntos controversos, como patologias, envolvendo a saúde física e mental; questões socioeconômicas, apresentando as tensões da classe hegemônica e a classe proletária; cultura, entre outros.

[...] contra o fetichismo das forças produtivas, contra a escravidão contínua dos indivíduos pelas condições objetivas (que continua a ser as do domínio), a arte representa o objetivo derradeiro de todas as revoluções: a liberdade e a felicidade do indivíduo (MARCUSE, 1977, p. 75).

A ação dotada de finalidade (teleológica) no capitalismo é a obtenção de lucros. Neste sentido, há um falseamento da realidade (ideologia) por parte da classe dominante para mistificar a realidade do indivíduo ante o mundo. Como consequência contribui para que o indivíduo tenha uma visão falsa de quem é e de quem poderia ser. Gerando o conformismo sem grandes conflitos sociais.

Por meio dos veículos de comunicação a classe dominante busca influenciar, incorporando-se às ciências, às ideias, às atitudes, às crenças e as práticas cotidianas dos indivíduos para ampliarem seu espaço na sociedade. Neste sentido, o cinema e a educação, se bem utilizados, podem ajudar os nossos educandos desde os anos iniciais, e em especial os da EJA do Proeja-FIC, a perceberem as barreiras socialmente postas pelos grupos dominantes aos grupos dominados, tentando impor pelo convencimento seus interesses. Esta perspectiva contribuiria em muito para que o trabalho pedagógico no Proeja-FIC, trouxesse mais uma perspectiva crítica de olhar o mundo e a realidade que nos cerca, desvelando-a.

5- O filme “*Somos todos diferentes / como estrelas na terra*”

Nesse artigo, o filme escolhido para abordar a estética cinematográfica e sua utilização na escola é a obra *Taare Zameen Par/Star on Earth*,⁶ cujo título em português é: *Somos Todos Diferentes / Como estrelas na terra*. O filme foi gravado na Índia, uma produção da *Bollywood*, gênero: drama, sua duração é de 2h 25min, e foi lançado no ano de 2008, sob direção de *Aamir Khan*.

A escolha desse filme, *Somos Todos Diferentes / Como estrelas na terra*, é uma opção para trabalhar com a questão de um distúrbio genético e neurobiológico de funcionamento do cérebro para todo processamento linguístico relacionado à leitura⁷. O filme apresenta na sua estética a sensibilidade do autor em capturar o “mundo”, no qual a criança torna-se refém, devido ao acúmulo de impulsos. É por meio dos desenhos que *Ishaan Awasthi*, de 9 anos de idade, consegue se expressar.

O filme revela a rotina de uma família indiana que possui boas condições financeiras. Os pais de *Ishaan* são convidados a comparecer na escola, onde ficam a par das péssimas notas do menino, resultado do seu comportamento, “daí sua desatenção”. As punições são recorrentes, aumentando-se a baixa estima, em virtude das chacotas dos demais colegas, e os professores não percebem as reais condições que o levaram a perder o interesse nas aulas.

Com a ameaça de mais uma reprovação, o pai de *Ishaan* decide interná-lo em uma instituição/orfanato conhecida pela forma de disciplinar “Cavalos Selvagens”. Nesse processo de espera, o menino monta um caderno e em cada folha ele desenha os membros da sua família; com a passagem das folhas, a sua imagem distancia-se, até ele não aparecer mais. Ele é apegado ao seu irmão mais velho que, além de praticar esporte, destaca-se na escola. As cobranças e comparações que os pais de *Ishaan* faziam entre ele e o seu irmão não foram suficientes para criar um mal-estar entre ambos.

Ao ser deixado no orfanato, *Ishaan* sofre com o afastamento do seu irmão e, principalmente, tem saudade de sua mãe, que lhe demonstrava muito carinho e atenção. As agressões, os insultos e palmatórias levaram-no a perder o interesse pela vida. As imagens retratam o conflito e ao mesmo tempo o sofrimento de uma criança que

⁶*Taare Zameen Par/Star on Earth*. Disponível em: <<http://site.psicopedagogia-sp.com/dicas-de-filmes.html>>. Acesso em: 13 ag. 2013.

⁷Conteúdo disponível no site da Revista Super Interessante “O que é dislexia?” por Eduardo Petrossi. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/saude/dislexia-444980.shtml>>.

convive com pesadelos, pois não sonha mais com um mundo de trens coloridos, peixes que voam, mas apenas com formigas e insetos que almejam devorá-lo.

Com tanto desgaste emocional, *Ishaan*, um menino de 9 anos, perde a alegria e a inspiração de desenhar. No orfanato, a situação é modificada com a chegada do professor de artes, *Nikumbh*, que, apesar dos esforços em ajudá-lo, a princípio não foi bem sucedido. Então, resolve viajar e conhecer a família de Ishaan, e fica maravilhado ao descobrir a capacidade que o menino tem de desenhar. Ao analisar os cadernos, percebe os traços na escrita que demonstram a dificuldade de escrever a mesma palavra. Tenta mostrar aos pais a necessidade de acolhê-lo, mas foi em vão. O professor *Nikumbh*, assim, inicia o processo de resgatar a alegria de Ishaan, devolvendo-lhe os seus desenhos, contando histórias de pessoas, como Einstein, que também fora desacreditado em decorrência da dificuldade de aprendizagem.

O filme apresenta em suas últimas cenas o professor realizando uma dinâmica com todos os seus alunos, pais e professores presentes, como meio de resgatar a sensibilidade dos professores, pais e alunos, por meio da arte. Todos tentam desenhar algo que tivesse sentido e que tivesse significado em suas vidas. Merleau-Ponty (1969) contribui para compreendermos sobre isto quando diz:

[...] O olho vê o mundo, e o que falta ao mundo para ser quadro, e o que falta ao quadro para ser ele mesmo, e, na paleta, a cor que o quadro aguarda; e, uma vez feito, vê o quadro que responde a todas essas faltas, e vê os quadros dos outros, as respostas outras a outras faltas. É tão impossível fazer um ventário limitativo do visível quanto os usos possíveis de uma língua, ou apenas do seu vocabulário e dos seus estilos.... Seja qual for a civilização que nasça, sejam quais forem as crenças, os motivos, os pensamentos, as cerimônias, de que se cerque, e mesmo quando parece fadada a outra coisa, desde Lascaux até hoje, pura ou impura, figurativa ou não, a pintura jamais celebra outro enigma a não ser o da visibilidade (MERLEAU-PONTY, 1969, p. 43)

Neste trabalho, a pintura que ganhou notoriedade pelos traços, pela delicadeza, pelo colorido e pela estética foi o desenho de *Ishaan* (fig. 001 - abaixo).

Fig. 001- Desenho do aluno *Ishaan*, de 9 anos, com dislexia.



Fonte: <http://sergiocinematicos.blogspot.com.br/2013/06/ensinando-com-amor-professores-humanos.html>

[...] uma disposição que se forma lentamente, pouco a pouco, por imersão e experimentação, em ambientes em que existam obras de arte cinematográfica e nos quais estas sejam valorizadas como objeto de fruição (BERGALA, 2002 *apud* DUARTE e ALEGRIA, p. 74).

Dessa vez, *Ishaan* não foi castigado, mas recebeu aplausos de todos os professores, pais e colegas. Recebendo inclusive, um beijo pela aprovação nesta atividade. De acordo com Furtado (2009, p. 139), se faz necessária a sensibilidade, pois o “problema da educação apoia-se numa estrutura de conhecimento que reflete numa contínua tensão entre o olhar sensível e o olhar inteligível”.

Nas cenas finais do filme, o aluno *Ishaan* estava com o mesmo corte de cabelo do seu professor. Como toda criança, ele brincava feliz com o irmão mais velho, e está pronto para voltar com seus pais para casa, pois alcançou as metas do orfanato, restando o abraço de liberdade do seu professor, o abraço sem o peso das cobranças, sem o medo, mas apenas a liberdade de ser feliz!

Essa cena do abraço entre ele e o seu professor emociona e nos faz refletir sobre a nossa práxis, ao ponto de nos colocar para pensar até que ponto enxergamos os nossos educandos e o quanto nos dedicamos aos estudos para desenvolvermos um trabalho de qualidade. E as diferenças, como são vistas?

[...] o cinema, seja ele de qualquer origem, está carregado de intenções. O debate sobre quais intenções, se implícitas ou explícitas, deve ser realizado como finalidade política, a fim de estabelecer a crítica no que diz respeito à produção de conhecimentos através do cinema. Do contrário, o tratamento ideológico que pressupõe a alienação será validado e praticado, resignando o espectador/aprendiz à condição passiva frente a versões fragmentadas da realidade. Em

qualquer filme estão implicadas escolhas que sugerem posicionamentos frente á realidade social, e nisso a pretensão de um filme não pode ser medida para excluí-lo de uma análise crítica. Talvez, quanto mais desprezioso o filme, do ponto de vista da discussão de ideias sobre a dinâmica social e do ponto de vista político de sua natureza, mais enviesado ele pode estar quanto aos posicionamentos frente à mesma (SOUZA, 2005, p. 83).

O educando também poderá se questionar sobre o seu olhar para com as pessoas que apresentam limitações, em uma sala ou no ambiente escolar, ao se depararem com colegas que possuem, talvez não esse perfil de dislexia, mas outros problemas que, podem, por exemplo, apresentar sequelas quanto à forma de se locomover ou de se expressar. O filme retrata a segregação, mas podem-se levantar outros elementos que ajudarão os alunos a pensar outros problemas com os quais eles convivem em sala de aula, como o *Bulling*, uma atividade que ridiculariza, inibe, apresenta graus de crueldade, pois a agressão verbal recorrente afeta o emocional da vítima, contribuindo para o desânimo, a evasão e o fracasso escolar.

6 - O filme e a sua contribuição para a educação

Muitas pesquisas apontam a riqueza de se trabalhar com a educação e o cinema, dentro dos parâmetros escolares. O filme promove ou corrobora na formação do indivíduo, proporciona uma leitura de mundo e uma viagem consentida pelo imaginário.

Segue a opinião de alguns pesquisadores⁸:

[...] Bazalgette (1991) explicita elementos-chaves para a educação sobre os meios na escola; Ferrés (1996) apresenta uma proposta metodológica para a análise crítica de séries e filmes de televisão; Rivoltella (1998 e 2005) sugere um trabalho de análise de textos audiovisuais em situação formativa, discute por que fazer vídeo na escola e o cinema como lugar de educação; Bergala (2002) discute como ensinar o cinema como arte na escola propondo uma série de filmes a mostrar para as crianças como item obrigatório na passagem do ato à realização; Napolitano apresenta uma proposta para usar o cinema na sala de aula (2003); e Orofino (2005) focaliza a utilização do vídeo como metodologia participativa e estratégia de ação cultural (FANTIM 2007, p. 9).

⁸Pesquisa realizada no Seminário da Disciplina de mestrado *Estética, Educação e Imagens da Arte – FE/UFG-2013*.

O filme *Somos Todos Diferentes / Como estrelas na terra* possui um enredo que proporciona trabalhar em distintos cursos do Proeja-FIC. Pode-se explorar: as disciplinas de português na linguagem/ escrita e reescrita, ao solicitar o aluno escrever suas memórias e lembranças escolares, junto com a história. O desenho como expressão artística convidar os educandos a trazerem suas produções, bordados, crochê, aptidões artísticas, demonstrada no filme; a música - características estéticas para a sensibilidade, e a arte - resgatando a sensibilidade por meio da pintura e da música.

As atitudes adotadas pelo professor *Nikumbh* priorizam a reflexão sobre a sua práxis, ação, reflexão e ação, numa perspectiva freireana, pautada no diálogo e no diagnóstico em levantar os dados acerca do pequeno *Ishaan*. Como professor de arte, estudou as possibilidades para atingir seu objetivo de recuperar e ajudar *Ishaan* a superar os seus problemas de aprendizagem e o convívio entre os seus pares. É com essas indagações que a estética se faz presente:

Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte (COSTA, 2006, p.3).

As músicas e as danças promovem a leveza do filme, além da sensibilidade do autor em passar para o expectador o que muitas vezes não se percebe como professores/educadores, pais, colegas, ou seja, os distúrbios de aprendizagem que um ou outro aluno apresenta em sala. Estigmatiza-se e rotula-se esse ou aquele aluno por não se perceber as condições nas quais ele está inserido.

Fig. 002- Rosto de *Ishaan*, retratando a felicidade que o professor almejava para o seu aluno.



Fonte: <http://thierriemagno.blogspot.com.br/2013/05/como-estrelas-na-terra-toda-crianca-e.html>

7- Considerações finais

Esse artigo buscou apresentar as possibilidades de inserir a estética na educação apresentando o filme como uma possibilidade para se trabalhar com a modalidade da Educação de Jovens e Adultos, por trabalhar com metodologias que insiram a reeducação do olhar, a sensibilidade do ouvir e, na apresentação e análise do filme, a contribuição aos educandos, no sentido de adotarem uma postura crítica diante de uma obra de arte como o cinema.

Compreendemos que a escola é o reflexo e parte da sociedade onde estamos inseridos, e acolhe por décadas crianças, jovens e adultos com vários tipos de formação, diversas concepções religiosas, políticas e sociais. Com tantas diversidades, este espaço requer do professor(a) a utilização de alguns recursos metodológicos e interdisciplinares que corroborem com um ensino-aprendizagem significativo para os educandos.

Desta maneira, a prática docente no Programa Proeja-FIC, envolve aulas compartilhadas, currículos integrados, com os professores da rede municipal e do Instituto Federal, aulas com planejamento, pois, é por meio dele, que é possível uma reflexão e orientação teórica de como o professor(a) deve proceder no momento em que está realizando as atividades com os seus educandos. Para que isto ocorra é relevante que o professor(a) compreenda seu papel de mediador, buscando perceber as necessidades dos educandos de sua turma e também as necessidades individuais contribuindo para seu processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Ao propor uma atividade como a análise fílmica, o/a educador/a necessita ter a sensibilidade em estabelecer o critério de determinado roteiro, de acordo com a faixa etária da turma. O/a educador/a também precisa considerar a relação dialética que seus educandos/as estabelecem com o conhecimento, até porque a aprendizagem não ocorre de modo linear, existe a possibilidade da ocorrência de momentos de retrocesso quanto ao que foi ensinado. Sendo necessário que o/a professor/a observe o/a que o educando/a já consegue fazer sozinho/a e aquilo que ele/a necessita de ajuda para conseguir realizar.

A opção de inserir essa obra de arte na escola e dentro da proposta Proeja-FIC é trazer para esse ambiente uma leitura diferenciada que estimule o olhar sensível, favoreça a possibilidade de conhecer outras formas de cultura e outras visões de mundo e perceba que, além do entretenimento, o cinema possui em um mesmo espaço as

condições de oferecer o contato com outras formas de arte, como a música, a dança, a fotografia e a literatura.

Agradecimentos

Ao Observatório da Educação – Obeduc/Capes

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Martins Fontes: São Paulo, 2007.
- BARBOSA, Andréa Rodrigues; TEIXEIRA, Luíza Reis. A utilização de filmes no ensino de administração. In: **Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, (EnEPQ 1)**., 2007, Anais... Recife, nov. 2007.
- BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente (1990). **Estatuto da criança e do adolescente. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991**. 3. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001. Disponível em: <<http://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/182.pdf>> Acesso em: 16 ago. 2013.
- COSTA, Leonardo Matos. **A utilização dos meios artísticos no ensino de Filosofia** Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/nucleos/filocom/existocom/ensaio11d.html>> Acesso em: 16 ago. 2013.
- DIAS, José Maria. **O que é o belo e o sublime para Kant**. Disponível em: <<http://pensamentoextemporaneo.wordpress.com/2011/09/01/o-que-e-o-belo-e-o-sublime-para-kant/>> Acesso em: 16 ago. 2013.
- DUARTE Rosália; ALEGRIA, João. Formação Estética Audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da Educação. **Educação e Realidade**. 33. p. 59-80. Jan./jun. 2008.
- FANTIM, Mônica. **Mídia-educação e cinema na escola**. TEIAS: Rio de Janeiro, ano 8, nº 15-16, jan/dez 2007.
- FERRO, Marc. **Cinema e História**. Trad. Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FONTES, Carlos. **Filosofia**. Disponível em: < <http://afilosofia.no.sapo.pt/roteiro.htm>> Acesso em: 15 ago. 2013.
- FURTADO, Rita Márcia Magalhães. A experiência estética como experiência formadora. In: COELHO, Ildeu M. (Org.). **Educação, cultura e formação: o olhar da filosofia**. Editora: PUC Goiás, 2009.
- HEGEL, George W. F. Curso de estética: o belo na arte. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do juízo**. Tradução de Valério Rohden e Antônio Marques. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- MARCUSE, Herbert. **A dimensão estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- MARTIN, Marcel. **A Linguagem Cinematográfica**. Lisboa Portugal: Dinalivro, 2005. Disponível em: <<http://home.fa.utl.pt/~cfg/Bibliografia/Realiza%E7%E3o%20Cinematogr%E1fica/MARTIN,%20Marcel%20-%20A%20linguagem%20cinematogr%E1fica.pdf>> Acesso em: 13 ago. 2013.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. Trad. Geraldo Dantas Barreto. Edições. Rio de Janeiro. 1969.

NAPOLITANO, Marcos. **Como Usar o Cinema na sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 241.

PLATÃO. **Fedro**. Tradução de J. Paleikat. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d.

SOUZA, Bruno Jorge de. **O cinema na escola**: aspectos pedagógicos do texto cinematográfico. Dissertação. (Mestrado)– Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação a Estética. 8º Ed.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

VOLTAIRE. **Dicionário Filosófico**. Edição. Ridendo Castigat Mores. Versão e Book e Books Brasil. org. Fonte Digital.<www.jahr.org.Copyright>:Domínio Público. 1764.

THE RELATION ESTHETIC BETWEEN CINEMA AND EDUCATION: A POSSIBILITY OF WORK IN THE PROEJA-FIC

***Abstract:** This paper discusses the aesthetic relationship between cinema and education, so as to understand that, through select films, it is possible to awaken the look of the students for what they have of beautiful in opposition to what they consider ugly, so that each day they have more interest in studying and working developed at/by school. Teaching students to develop a critical look at themselves and about things around them is not an easy task, as position in this way requires of the educator a commitment to improve the quality of life of their students and the improvement of education. Thus, it will be analyzed the film 'We Are All Different / Like stars on earth' (translation in portuguese), launched in 2008, which presents in the script difficulties of a boy of eight years old to learn. It is a touching film which stimulates the viewer to reflect on some aspects that involve looking at each other, tolerance and discrimination. It is a bibliographic work and comprises the following authors: Ramos (2011), Barbosa (2007), Martins (2005), Souza (2005), Bergala (2002), among others. Through this work, we can design a project to be developed according to the perspective of the integrated curriculum Proeja-FIC.*

Key-words: Cinema, Education, Possibilities of work, Proeja-fic.

Anexo 1

